

Abordagens Conceituais sobre a Obra de Winnicott

Conceptual Approach about Winnicott's Work

Hilda Coutinho de Oliveira*

Resumo

Esta revisão bibliográfica busca relatar algumas idéias winnicottianas, as quais foram analisadas com base nos principais livros do próprio autor, e em alguns de seus críticos mais significativos sobre o desenvolvimento emocional primitivo da criança. Indica a importância da relação mãe-bebê e do caráter gregário da condição humana na constituição do psiquismo saudável. Discorre, mais especificamente, sobre: 1) os conceitos de espaço potencial e transicional, que instauraria a vincularidade; e 2) sobre a tendência anti-social, a qual tem nexos com carências afetivas básicas e primitivas que seriam emblemáticas do roubo e da destrutividade. Ressalta, finalmente, a utilidade da teoria winnicottiana no campo da saúde mental.

Palavras-chave: Relação mãe-bebê; desenvolvimento emocional primitivo; psiquismo saudável; espaço potencial e transicional; tendência anti-social.

Abstract

This bibliographical revision seeks to relate some Winnicott's ideas, that were analysed based on the author's main books and on some of his more significant criticals about child primitive emotional development. Indicates the importance of baby-mother relation and the human condition gregarious character in the formation of a healthful mind. This text discourses, more specifically, about the concepts of: 1) potential and transition space, that would establish the entailment; and 2) about the antisocial tendency, that has nexus with basic and primitive affective needs that would be emblematic of robbery and destruction. It emphasizes, in conclusion, the utility of Winnicott's theory on mental health field.

Keywords: Baby-mother relation; primitive emotional development; healthful mind; potential and transition space; antisocial tendency.

Introdução

Este texto, que utiliza uma abordagem qualitativa e a técnica da revisão bibliográfica, objetiva estudar alguns conceitos de Winnicott no que tange às fases arcaicas do desenvolvimento emocional que referenciam a estrutura psíquica humana. Donald W. Winnicott, psicanalista inglês que buscava saber sobre os sentidos da vida, deixou-nos uma obra de grande utilidade, especialmente para as áreas do desenvolvimento humano, sanidade e morbidez psíquicas, cultura, liberdade, viver autêntico e criativo. A Pediatria e a Psicanálise, fundamentos

de sua formação profissional, contribuem para a configuração de idéias originais que ressaltam a necessária autenticidade como elemento estruturante de um *self*¹ verdadeiro, às vezes dolorosamente resgatado pelos que ousam desvelar os signos inerentes às possibilidades de existência. Apesar de não ter trabalhado propriamente com grupos, atendia a crianças e a um ou mais familiares, acreditando que o grupo compartilhado possibilita intimidade e profundidade. O referido autor facilitou a compreensão da vinculação e das psicoterapias analíticas grupais, já que essa postura revelava sensibilidade social e, por conseguinte, rudimentos precursores da terapia familiar (Grolnick, 1993; Mello Filho, 1995; Outeiral, Granã et al., 1991; Shepherd, R, 1997; Winnicott et al., 1988). Winnicott realizou, portanto, estudos sobre os níveis de integração e desenvolvimento da criança, nos diversos contextos institucionais com os quais se deparou, especialmente nos âmbitos dos grupos familiar e escolar.

Ressalta Winnicott (1983) que a saúde mental é também satisfação, criatividade e solidariedade, que sobrepujam aversão e desconstrução. Sua compreensão psicanalítica do

* Psicóloga. Doutora em Ciências Médicas, área de Saúde Mental, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP/SP). Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). e-mail oliveirahilda@bol.com.br

¹ A palavra inglesa "self" significa "eu, pessoa, personalidade" (Vallandro, 1996, p. 430). Na concepção winnicottiana (1983) é a dimensão egóica mais central que se relaciona com instintos e interações (Winnicott, 1983).

ser humano abrange os seguintes temas: desenvolvimento; impulsos; objeto; espaço; self, o qual oscila entre os seguintes extremos: de autenticidade, naturalidade e criação, sendo básico para a saúde mental e satisfação (*verdadeiro self*)², e de hipocrisia, formado, artificialmente, por conta de subordinação demasiada ao ambiente (*falso self*)³; comunicação, quando analisa modos de contato e a problemática de sua falta e da esquizoideia; regressão, quando investiga, no *setting*⁴ analítico, a volta às fases arcaicas de total dependência, favorecendo mudanças concernentes a malogros ambientais iniciais, as quais revitalizariam significados existenciais, atribuindo-lhes caracteres inéditos; setting, quando perscruta o referido enquadramento quanto à estrutura, sentido, papel e exercício - forma de com ele lidar por parte do analista, considerando possíveis transgressões; contratransferência, que indica de duas formas a existência desta última: uma costumeira e outra real e objetiva, simbolizada pelo amor e ódio do analista, configuradas no âmbito clínico; psicossomática, fundamentado na qual acredita haver, primordialmente, um *psique-soma* de caráter instintivo e fisiológico, de onde evolui, posteriormente, a mente com sua intrincada gama de papéis. A condição de completude arcaica é buscada, de forma positiva, no distúrbio psicossomático, ao qual são inerentes muitas cisões; tendência anti-social, referendada por carência básica e que tem por emblemas o roubo e a desconstrução, atos que afrontam o ambiente e, de modo contrário, significam a esperança de que a pessoa ainda creia que a sociedade é capaz de reparar desacertos que instigaram o aparecimento da referida inclinação (Winnicott et al., 1994; Mello Filho, 1995).

Seu trabalho, de âmbito teórico, clínico e social, surgiu baseado nas observações sobre o desenvolvimento da criança inserida numa psicodinâmica familiar, e em sua atuação como psicanalista junto a pacientes adultos (notadamente borderlines e psicóticos), que voltavam a entrar em contato, num enquadramento acolhedor, com vivências arcaicas de sua infância. A relação intrínseca e contínua entre maturação e

ambiente, quando potenciais podem ser facilitados, foi enfatizada por Winnicott (1983). Este autor instaurou a base de uma psicologia inerente à vinculação, remetendo-a aos estágios pré e pós-natal, quando a gestante vivencia, em situação especial, uma *preocupação materna primária*, já se identificando com seu bebê e convertendo-se numa *mãe suficientemente boa*. O bebê tem pendores natos concernentes à evolução motora, de sensibilidade e de pulsões instintivas. Inicialmente conta com um ego inapto e em crescimento para entrar em contato com as necessidades do id, que as vivencia como forças externas, o que indica a existência de uma nascente e débil condição psicobiológica, que requer constante intervenção materna, no que tange a buscar reedificar um contexto social semelhante ao intra-uterino.

A evolução do bebê caracteriza-se, basicamente, por três fases, mutuamente subordinadas e inacabadas, inerentes à existência humana: 1) integração; 2) personalização; e 3) adaptação à realidade. O bebê é um conjunto de fragmentos psicofísicos desintegrados e precisa relacionar-se com uma *mãe suficientemente boa* num ambiente adequado, através do *holding* (comunicação entre a mãe e o bebê, que fundamenta todas as outras formas de contato humanas. A mãe, com sua empatia, daria suporte ao filho, satisfazendo-lhe as necessidades psicofísicas) para, gradativamente, perceber-se como um indivíduo íntegro e integrado. A reincidência de erros concernentes ao *holding* materno pode instigar o que Winnicott (1993) denominou de distúrbios orgânicos e *angústias inimagináveis ou de aniquilamento*, freqüentes nas psicoses.

Angústias de aniquilamento podem configurar-se, no plano psicofísico (como em pacientes psicóticos ou borderlines, sobre os quais também incidem caracteres genéticos), em épocas vitais críticas, quando são reatualizados os primitivos erros do *holding*, da empatia materna e do apoio ambiental, que seriam fundamentais naquela fase de total subordinação da criança. Uma personalização satisfatória é concernente à sensação de se encontrar no interior de seu corpo, estruturada na vivência das pulsões e do cuidado corporal. O contato primitivo com o meio externo Winnicott chama de *adaptação à realidade*. O bebê tem pensamentos predatórios concernentes ao seio materno, produtor de leite, que busca para saciar a fome, e a mãe gosta de pensar sobre essa situação. Ambos podem vivenciar esses processos conjuntamente. As alucinações ou ilusões do bebê podem tornar-se reais e serem lembradas posteriormente. Na relação mãe-bebê, é fundamental que a primeira possa instigar na criança a sensação de poder absoluto ou criatividade primária, da qual precisa para sobreviver.

Por meio da integração, personalização e adaptação à realidade (processos significativos tanto para a evolução infantil como para o âmbito da clínica), inicia-se na criança, intermediada pelo esquema corporal, a noção de pessoa. A

² A expressão "verdadeiro self" refere-se à condição de autenticidade e criatividade vivenciada pelo indivíduo por conta do recebimento de suporte egóico materno em sua fase existencial primitiva (Winnicott, 1983).

³ A expressão "falso self" é concernente à situação da perda de autenticidade por conta de falhas no provimento de continência materna no estágio das relações primordiais entre mãe e bebê (Winnicott, 1983).

⁴ O termo inglês *setting* tem o sentido de "cenário, ambiente" (Vallandro, 1996, p.434). Designa, na psicoterapia psicanalítica, o campo ou enquadramento demarcado pelo objetivo e normas concernentes ao papel do terapeuta e paciente, tempo e lugar (Etchegoyen, 1987).

condição de não-integração (que possibilita a solidão, uma das mais significativas conquistas do indivíduo, a qual pode instigar a criação, não lhe sendo inerente a ansiedade). Caracteriza a sensação de relaxamento e liberdade - sem configurar uma condição de psicose ou de desagregação), difere da vivência de desintegração e de caos (integrante dos quadros psicóticos e borderlines). É um mecanismo defensivo do bebê contra o estado de não-integração ou contra a ansiedade precoce ou inimaginável, produto da insegurança na fase de dependência total, quando a mãe não propicia suporte egóico. É deletério como um ambiente instável, ocorrendo em razão da onipotência da criança. A dissociação, defesa arcaica indicada pelas idéias kleinianas, origina-se, segundo Winnicott (1983), a partir da condição de não-integração. A mãe, ao conhecer e satisfazer as necessidades do bebê, favorece sua evolução e a formação do "verdadeiro *self*", concernente à bagagem genética. Se a mãe falha nesse processo de empatia e continência ocorrem *traumas invasivos* na criança, que provocam angústias na dimensão do *holding* e instauram o *falso self*, quando a pessoa faz concessões a outros e deixa de ser ela própria. O cuidado da mãe, que deve ser contínuo, deve ser também confirmado pelo filho para que obtenha uma permanência psicofisiológica estruturante do *verdadeiro self*, e que possibilite o devir normal de aptidões individuais e inéditas.

No período do *holding* o bebê é totalmente dependente da mãe e, depois, passa para o estágio de dependência relativa, cada vez mais autonomizando-se e vivenciando a separação materna. O sentido da espontaneidade ocorre num meio sob controle. O autor referido investigou o indivíduo autêntico, o sentido da existência, a cultura e a criatividade. A crença na possibilidade de evolução do ser humano, vinculada à criatividade, fenômenos transicionais, uso de um objeto e *verdadeiro self* é inerente a Winnicott (citado por Mello Filho e Silva, 1995). O pai deve ajudar a mãe (a qual deve proteger, juntamente com a criança e a família) a cuidar do bebê, que seria por ele, gradativamente, posto no âmbito social.

O *verdadeiro self* é concernente a processos fisiológicos ou corporais básicos (coração, respiração). A mãe suficientemente boa nutre a onipotência do bebê, e o *self* começa a existir por meio da força recebida por seu débil ego. Refere-se, também, com o existir livremente, à opção pela verdade, pureza, espontaneidade e criatividade. O *falso self*, porém, começa quando a mãe incide sobre o potencial criativo do bebê, disciplinando-o de forma invasiva. A mãe insuficientemente boa não é capaz de perceber as necessidades do bebê, nem de suplementar sua onipotência, quando então a criança a ela se submete. A catexe objetual externa não é instaurada e a criança tece nexos relacionais concernentes a uma subsistência falsa, podendo construir um *falso self*

semelhante ao da pessoa com quem manteve os contatos primitivos. O bebê pode reagir a condutas maternas inapropriadas e suas carências reais podem significar os sinais de uma atuação do seu *verdadeiro self*. Pode, também, viver falsamente por conta dos repetidos erros da mãe. O *falso self*, relacionado com patologias de identidade, é produto de uma defesa ou dissociação que visa a esconder ou proteger o *verdadeiro self* para impedir sua destruição. A evolução humana é alicerçada em identificações, imitações e introjeções. O *falso self* fundamenta-se na dificuldade concernente à utilização total da onipotência infantil, que referencia a habilidade para usar signos ou os processos ilusórios, imaginativos e lúdicos, reduzindo as possibilidades plurais de existência cultural. Seus níveis oscilam da normalidade (quando o indivíduo assume uma postura social cortês) a uma atuação falha, mesmo que parecendo real. O *falso self* (que se relaciona com um ideal de força ou poder falso, sujeição a normas e dificuldade para a elas reagir e ser espontâneo) existe para proteger o *verdadeiro self* de traumas invasivos, ou seja, da possível invasão do *self* por parte de uma mãe com postura inadequada e não empática, ou ainda por parte de um meio insuportável para a criança, com o qual entraria em contato através do caráter protetor inerente ao *holding* materno. Pode impedir a ação do *verdadeiro self*. O bebê teria um comportamento adaptativo e conciliador, visando a instaurar com a mãe uma relação equilibrada. É usado por um indivíduo que precisa compensar a fragilidade, timidez ou desconfiança do mundo interno ou *self* (tão pouco acolhedor a ponto de negá-lo), e recorre a defesas para lidar, de modo primitivo, com erros precoces, arcaicos e ameaçadores do meio, e com sentimento de inconsistência. Está relacionado com a mente ou intelectualização, usada para esconder a autenticidade. As pessoas (geralmente fúteis), então, com o desenvolvimento, negam ou desconhecem sua realidade interna. Estruturam defesas por medo de perder limites e vivenciar desintegração e caos. Podem dramatizar no próprio corpo as conseqüências da fragmentação de defesas. Têm vínculos falsos, frágeis e solidão. Podem elaborar, no plano terapêutico, a culpa e o luto pelo tempo perdido.

Um *falso self*, passível de ser configurado por meio de dissociações primitivas, pode caracterizar uma existência fantasiosa e irreal, apesar dela parecer real quando o citado *falso self* tem nexos com alguma atividade. Na adolescência um *verdadeiro self* pode afirmar-se, já que nesta fase as pessoas buscam autenticidade, identidade e definição de rumos. As crianças não devem ter *selves* frágeis e sujeitos à fragmentação. A missão de vida, também, pode levar a uma conduta referenciada pelo *falso self*. Se esse projeto existencial não for autêntico, vivemos, de forma inconsciente, para efetivar projetos alheios, instigados por tessituras familiares.

O Grupo como Espaço Potencial e Transicional

Winnicott (1975) assinala o paradoxo referente ao uso que o bebê faz do objeto transicional⁵, a posse original não-eu, que exerce o importante papel de manter as realidades interna e externa ao mesmo tempo apartadas e interrelacionadas. Jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem fora de controle, como a mãe real. A primeira posse tem relação com os objetos externo (seio da mãe) e interno (seio introjetado magicamente), porém diferencia-se deles. Os objetos transicionais inserem-se na dimensão da ilusão, básica para a experiência inicial do bebê. A mãe propicia ao seu bebê a ilusão de que a necessidade e a imaginação podem criar o mundo externo ou real. O objeto transicional torna-se, gradativamente, descatexizado, num processo concomitante ao desenvolvimento dos interesses culturais, lúdicos e à evolução da criatividade da criança. A ilusão é uma etapa necessária na constituição de seu mundo exterior, quando este está representado como uma extensão da onipotência materna. A ilusão grupal, a propósito, permite a constituição do grupo como objeto transicional. Os conceitos winnicottianos de ilusão e imagem do corpo permitiram a Anzieu (1986) perceber que a situação de grupo amplo induz a um desejo de exploração fantasmática do corpo da mãe e às angústias correlativas, levando os indivíduos a atualizar relações objetais arcaicas. As ações do *holding*, como indica Winnicott (1983), e, principalmente, a influência da rede ou matriz grupal, conforme Foulkes (1967), incidem, terapêuticamente, sobre qualquer grupo, especialmente se tiverem maiores níveis de integração. Ao receber um novo participante e acolhê-lo como um de seus integrantes, o grupo protege-o de regressões aflitivas e carências, incitando seu sentimento de pertença. Segue uma evolução análoga à do indivíduo: de um estado inicialmente desintegrado, passa, então, para uma fase de coesão, sinergismo ou unicidade. Conduz-se, assim, como uma criança que, ao receber continência de uma mãe suficientemente boa, aperfeiçoa sua capacidade interoproprioceptiva e suas impressões de unidade, harmonia e estabilidade. Um grupo desintegrado, contudo, revela dissociações plurais.

Winnicott (1975) favoreceu o desenvolvimento humano, quando indicou nexos entre o objeto transicional, as práticas lúdicas ou brincadeiras e a ulterior vida cultural. Enfatizou, também, a transicionalidade, o jogo e a criatividade como fatores básicos num contexto terapêutico. Os polissêmicos processos transicionais ocorrem num ambiente ou *setting*

⁵ Essa expressão indica um elemento de apego do bebê ao lhe atribuir, temporariamente, o lugar da mãe, de quem necessita para identificar-se, apartar-se e individualizar-se, possibilitando o simbolismo ou diferenciação entre o fato e a fantasia (Winnicott, 1975).

grupal. Entre os membros e entre cada um deles e o líder instaura-se uma área de experiências interativas e permutáveis, simultaneamente ilusória e real, ou espaço potencial, que gera a criatividade e cultura inerentes ao grupo, concernentes a trocas de informações, reflexões, identificações e emoções. O espaço potencial – transicional, e a liberdade facilitam a criatividade no âmbito grupal.

Um bebê vê a si mesmo quando olha para o rosto materno (seu olhar, principalmente, é o primeiro espelho do ser humano). Quando olha e é visto, existe. Pode, então, agora, olhar e ver. Esse processo, contudo, nem sempre ocorre dessa forma. A mãe pode não atentar para a criança e refletir seu próprio humor ou suas defesas, no lugar de reproduzir o rosto do bebê, que olha e não se vê. Esta situação começa a instigar a decadência de seu potencial criativo e a eliminar o início de uma troca importante com o mundo, quando poderia evoluir à medida que vê e descobre os signos mundanos. O bebê, então, em vez de ser espontâneo e fiel às suas necessidades, tenta adivinhar o humor e os desejos maternos em relação a si mesmo, buscando a eles adaptar-se. Desenvolve-se, então, com dificuldades relativas a espelhos. Se essa situação não ocorre, a criança, quando vê seu rosto no espelho, percebe, tranqüilamente, que ali está a imagem materna, que pode vê-la e da qual pode se aproximar. Esse fenômeno relaciona-se com a possibilidade e capacidade de estar só, um dos mais significativos indícios de maturidade no processo de evolução emocional, sendo conseqüente da experiência de estar só na presença de um outro. A questão referida também tem nexos com a função da família no desenvolvimento do indivíduo. À proporção que a criança cresce e amadurece, suas identificações difundem-se e ela fica cada vez menos dependente, no sentido de reaver o eu dos rostos parentais. A integridade familiar pode favorecer a criança, que consegue se ver nas ações de seus membros ou no grupo familiar total. A criança enxerga o eu no rosto da mãe e, ulteriormente, num espelho.

O papel terapêutico, no âmbito grupal, é específico por conta de seu *setting* e forma de funcionamento. Esse papel, segundo Winnicott (1993) auxilia a criança, quando vista e admirada por objetos, a estruturar, gradativamente, um *self* equilibrado e sua identidade, incitando também sua auto-estima e confiança. Os elementos do grupo, por serem importantes uns para os outros, adquirem atributos de *self*-objetos, e são assim escolhidos por seus caracteres ou como objetos transicionais.

Winnicott (1983) formulou um pensamento sobre o desenvolvimento emocional humano, as relações entre as pessoas e com a sociedade, e sobre o processo analítico. Sua colaboração para o desenvolvimento emocional humano inclui idéias de *preocupação materna primária, mãe suficientemente boa, ambiente facilitador, objeto objetivo e objeto subjetivo,*

objetos e fenômenos transicionais, espaço potencial (é a área que intermedia as realidades interna e externa, na qual ocorrem significativas permutas entre crianças, seus objetos e substitutos, sendo também a base das atividades lúdicas e culturais que evoluem), *realidade compartilhada, holding* (contato físico entre o bebê e a mãe), *verdadeiro e falso selfs*”, paradoxos e antíteses inerentes ao indivíduo. Procurou, além da “cura” do paciente, o sucesso e a plenitude do ser humano. Foi um dos iniciadores do estudo da identidade, da pessoa total, do *self*. Sua atuação com pacientes esquizóides valorizou seu estudo, além de também intensificá-lo no âmbito da psicanálise dos afetos e da autenticidade. A comunicação entre a mãe e seu bebê, o que ocorre no *setting* analítico ou entre pessoas, foi por ele analisado de forma inédita. Investigou a privacidade, o desejo de afastar o que se tem no íntimo e que é essencial para o indivíduo (e também para o esquizóide). Esconder-se é uma satisfação, mas não ser descoberto é uma lástima. Silêncios, não-comunicação, podem ter muitos sentidos: desde uma condição autêntica, de comunicação implícita com o objeto percebido como subjetivo (ou fusionado), até um reativo *defensivo*, paradoxos, antíteses, contradições da comunicação entre pessoas. Há um paradoxo, por exemplo, quando um bebê, em seu estágio onipotente, pensa que o seio materno foi originado por conta de seu desejo, condição imprescindível para configurar a ilusão que sustenta a existência. O amor (como o sentimento mais sincero da mãe pelo filho) é o afeto básico do ser humano, conforme opina Winnicott (1988). Muito contribuiu para retirar o acentuado caráter instintivista da Psicanálise, ao ressaltar que o ego podia controlar impulsos do id por meio de um ambiente que atendesse às necessidades da criança, facilitando sua individualização, e intermediando sua integração à família e à sociedade. No que concerne às relações de objeto, foi configurada uma nova visão da agressividade, isto é, do abandono e da necessidade de arruinar o objeto por conta da retirada de catexes (e não por causa de ira) devida, por sua vez, à busca de independência.

Objetos e fenômenos transicionais, concernentes a importantes investigações sobre o simbolismo, são elementos aos quais a criança se apegava para que ocupem, temporariamente, o lugar da mãe de quem precisa apartar-se, individualizando-se, sendo a primeira possessão *não-eu*. Winnicott (1988, 1985) observou costumes infantis no que tange à preparação para dormir (chupar dedo, acariciar lençóis e fronhas, pegar brinquedo preferido, músicas, sons), associando-os com ansiedades de separação da mãe na época do desmame. São experienciados, concomitantemente, como internos (e subjetivos, sendo emblemáticos do bebê, da mãe, dos fragmentos e união de ambos, de seu afastamento progressivo e do mundo externo) e externos (não são mais característicos do corpo materno ou do bebê, não se

constituindo como invenção materna, mas sendo inventados e recebidos pelo filho), instaurando-se dentro, fora e no limite entre o bebê e a mãe. Na zona que intermedia o erotismo oral e a relação de objeto, há significativa ilusão, mudança, por parte da criança, da subjetividade para a objetividade, e vivências relacionadas com o pensamento e a fantasia.

À proporção que a criança evolui, objetos transicionais (mais limitados e concretos) vão sendo trocados por fenômenos transicionais (mais abrangentes e abstratos, como músicas de acalanto, sons formulados pelo bebê, movimentos do seu corpo). Os objetos transicionais possibilitam o simbolismo e a diferenciação entre fato e fantasia, realidades interna e externa, criatividade e percepção. Ressalta a transicionalidade (ou a plástica mutação simbiótica - desagregação) em detrimento do objeto ou fenômeno, creditando a essa pluralidade simbólica seu papel de instigar a criação. A criança deixa os objetos transicionais (que também incitam morbidez, tais como roubo, drogadição, fetichismo, obsessões, estados *borderlines*, distúrbios de personalidade e psicossomáticos, esquizofrenia, homossexualidade, retardamento mental) no decorrer de sua evolução, sendo capaz de utilizá-los apenas quando há um bom objeto interno, o qual referencia o âmbito vital do objeto externo.

Há também a presença de objetos que têm os seguintes elementos identificadores: atuam como protetores ou confortadores de ansiedades; são empregados diante de disjunções; agem, simultaneamente, como um objeto externo e interno ou mediador entre o eu e o outro, como se fosse uma porção de nosso *self*) e fenômenos transicionais, portanto, na adolescência (como talismãs e enfeites), quando as inter-relações são bastante significativas, e na fase adulta (pessoas e objetos difíceis de descartar, e revivescência de músicas e danças que embalarão as relações primitivas) quando podem ser empregados livre, criativa e saudavelmente, ou de modo restrito, inflexível e doentio. Os fenômenos transicionais e os jogos do bebê caracterizam-se por ligação, circulação, movimento e sucessão, alicerçando muitos fenômenos culturais, como no caso do *holding* (suporte, apoio, sustentáculo ou consolo para aliviar a dor existencial) que ocorre nos contextos de amizade, saúde, religião e consumo.

Na visão do autor em questão o espaço potencial é o campo onde se efetua a transicionalidade, que se expande, gradualmente, para incluir a pluralidade ulterior da cultura humana no que tange à criação, fantasia, arte, ideologia, ciência, religião e ocupação predileta. O caráter de relação da vida, e sua melhor dimensão, não se consuma somente com base em dois espaços (os mundos interno e externo) mas, essencialmente, no espaço potencial entre as pessoas. Winnicott (1975) ressaltava que a Psicanálise é uma maneira especializada de brincar, prática única que possibilita a criatividade do homem, através da qual descobre seu *self*, e que é universal,

criativa, terapêutica e estruturante da existência. Estimula e encanta por conta dos intercâmbios de afetos que provoca, representa e instaura no espaço potencial. A alucinação da brincadeira com a mãe e a vivência dos fenômenos transicionais e dos jogos compartilhados integram sua progressão lúdica. Há uma permuta de subjetividades entre os brincantes, cuja prática espontânea do jogo auxilia a vivenciar e a administrar sofrimentos psíquicos, sendo terapêuticos os jogos e brinquedos. O termo *ilusão*, a propósito, advém do verbo latino *ludere*, que significa brincar. No âmbito das relações primitivas, conforme a teoria freudiana, são as frustrações que levam à diferenciação e ao contato com o real. Na visão winnicottiana, porém, a noção de *self* ou de *eu* só evolui fundamentando-se numa imagem corporal segura, quando a criança, através de movimentos e impressões, percebe seu corpo como íntegro e contínuo. O ritmo entre o bebê e a mãe, a criança e seu objeto substituto, o criador e sua criação vincula-se à transicionalidade que, por sua vez, tem conexão com as práticas lúdicas e culturais.

A criatividade é referenciada pelo objeto transicional, espaço potencial e pela existência compartilhada, além de sua conotação terapêutica. Se a visão freudiana vincula a criatividade à sublimação, e a kleiniana a percebe como resultante da reparação, o pensamento winnicottiano associou-a com a vida, desde quando a mãe favorece a ilusão primitiva do bebê no que tange a sua possibilidade de gerar o mundo, até posteriormente, quando desvela o objeto transicional e seu potencial lúdico. O princípio da realidade produz a idéia de mundo autônomo na criança, mas não poda suas chances de comunicação fecunda com objetos e outros indivíduos no campo do espaço potencial, no qual pode também existir a criatividade. A Psicanálise tem-se preocupado mais com o temor ou desejo da solidão do que com a capacidade louvável de vivenciá-la. O indivíduo pode estar só mas não conseguir suportar essa experiência. Muitos outros, porém, podem valorizar a solidão, desde a infância, como sua possessão mais significativa. A capacidade de ficar só na presença de um outro (processo que se configura como uma *solidão compartilhada* e como uma relação egóica mais associada ao ato de gostar) fundamenta o paradoxal potencial da solidão, o qual depende de uma "mãe suficientemente boa" e presente para o bebê que está só. Apreciar a solidão na proximidade de outra pessoa solitária é uma vivência normal em que não consta retraimento. A capacidade de estar só subordina-se a um satisfatório contato com um outro. O potencial para a solidão (e também para a liberdade, tranquilidade e satisfação) depende da introjeção de bons objetos, passíveis de ser projetados, ou de *self*-objetos que nos sustentem. A relação egóica é bastante significativa por edificar a amizade, podendo, além disso, instaurar a transferência. Somente no estado de solidão (junto de um outro)

a criança encontra sua vida, relaxa, fica não integrada (situação de grande prazer que é experienciada como real, e que pode instigar a criação, como o ato de brincar) e divaga, atingindo uma condição de não-diretividade. A solidão é visada e deve ser desfrutada por qualquer pessoa, pois é a companhia de si mesma que é inerente a toda a existência humana. O proveito da arte e pluralidade cultural, a propósito, faz com que o indivíduo possa isolar-se com privacidade e vida pessoal rica, sem ser solitário.

A tendência anti-social

Winnicott (1987) relaciona, comparativamente, o surgimento da agressividade ou agressão com impulsos, atividade, movimento, motilidade, vitalidade ou erotismo muscular inicial do bebê. Estas funções parciais são, progressivamente, integradas pela criança que se individualiza, até configurarem-se na agressão. Quando uma conduta tem um objetivo, almeja também agressão, que compõe a manifestação originária ou prototípica amorosa. Winnicott (1985) ressalta, então, que a agressividade ulterior é fundada no natural pendor à motilidade por parte do ser humano, e que, se esta inclinação for contrariada pelo meio, a agressão do bebê pode ser intensificada. O autor ensinou que a fantasia é significativa porque potencializa a condição humana a desconstruir, magicamente, objetos (que se transmutam de elementos subjetivos - partes do *eu* em objetivos - *não-eu*) e dores psíquicas, e a instigar recreações. A empatia materna pode facilitar a gradual percepção, por parte da criança, de um mundo que não pode controlar magicamente, e em relação ao qual poderá odiar, agredir e destruir, no lugar de arrasá-lo de modo fantástico. Apenas sentindo-se demolidor e mau, pode também sentir-se real.

Winnicott (1987) analisa a tendência anti-social, defesa repleta de ganhos secundários e de compreensão difícil. Pode ser investigada, contudo, na criança normal ou quase normal, quando tem nexos com obstáculos concernentes à evolução da emoção. Indivíduos normais, neuróticos e psicóticos podem manifestar tendência anti-social, que sempre tem conexão com uma privação significativa ocorrida em seu passado, mesmo que o contexto não a perceba. A ausência de caracteres básicos da existência familiar acarreta privação para a criança, que pode expressá-la através de uma tendência anti-social, de ações delinqüenciais e, posteriormente, poderá vir a ser um psicopata. Há uma estreita conexão entre a privação emocional e a tendência anti-social, como ressalta John Bowlby (1981), notadamente durante a fase que se estende até a idade entre um e dois anos, quando a criança começa a andar. A tendência anti-social é instigada, mais do que por uma falta, por um desapossamento, ou seja, pela perda de algo que foi bom para a criança até um determinado tempo, mas do qual foi privada a ponto de não mais recordá-lo.

A tendência anti-social, segundo Winnicott (1987, 1989), pode seguir dois rumos: roubo ou furto, que tem nexos com a mentira, quando a criança, esperançosa, busca algo mas, na verdade, deseja a mãe, e não o objeto furtado; e destrutividade ou provocação, quando procura um equilíbrio contextual, progressivamente abrangente, que possa suportar ou conter a tensão que é produto do ato impulsivo e que instiga reações sociais; uma provisão do meio que perdeu e que possa reaver para sua satisfação; uma ação humana digna de credibilidade e que possa favorecer sua autonomia e existência. A conjunção dos referidos pendores ou pulsões libidinosos e agressivos encontra-se na criança e significa uma inclinação para a cura de uma desintegração instintiva. Situações incômodas incitadas por bebês podem revelar privação e tendência anti-social, sendo que esta última é referenciada pela esperança de que o ambiente possa corrigir-se e lhe fornecer os provimentos de que necessita, sendo configurada através de ações caóticas. A citada recuperação, porém, ou não ocorre ou chega muito tarde, quando a criança já não pode mais aproveitá-la. Os primeiros indícios de uma tendência anti-social são comuns a ponto de parecerem normais, como é o caso da voracidade que precede o furto e que, instigada pela privação causada pela mãe, é uma tentativa terapêutica ou de cura, no âmbito do meio, empreendida pela criança. Toda a família ou uma instituição apropriada podem consertar a referida privação do amor primário, se esta não tiver sido muito grave. A destrutividade também pode ser redundante de carência afetiva e se constituir numa tendência anti-social. Ressalta Winnicott (1987) que a tendência anti-social é causada por uma vivência agradável que se tornou arcaica e foi perdida. É preciso que o bebê tenha um desenvolvimento egóico tal que possa entender que o motivo desse acidente se encontra num erro ou lacuna do ambiente. Ocorre, então, a evolução de uma tendência anti-social no lugar de psicose. Acredita no ser humano, que tenta utilizar seus instintos, em vez de por eles ser dirigido.

O bebê, no que tange à sua moralidade, sabe que precisa defender quem lhe dá atenção de seus impulsos concernentes à fantasia de destruição e aceita, então, o controle externo, que o instrui, progressivamente, sobre justiça. Sua espontaneidade funda-se nos instintos que, por sua vez, são baseados no ambiente familiar, instigadores da identificação da criança com grupos. Os pais, apesar de estabelecerem enquadramentos para os filhos, almejam sua afronta e rebelião.

Se o lar de uma criança desmonta-se e arruina-se, não lhe inculcando segurança, ela não se percebe mais livre e experiencia ansiedade mas, esperançosa, busca uma estrutura, solidez ou quatro paredes fora de casa (em parentes, amigos ou na escola). Se não conseguiu-la, contudo, poderá ter sérios distúrbios de caráter. As crianças que sofreram carências afetivas em casa devem obter suprimentos emocionais que as identifiquem e propiciem estabilidade quando, sendo jovens,

ainda podem deles usufruir. Do contrário, serão usadas, como tentativas para o referido fim, escolas específicas ou, como último meio, celas de cárceres. Há crianças, advindas de ambientes suficientemente bons, como ressalta Winnicott (1987) que vão à escola para aprender conteúdos educacionais inéditos que lhes possam facilitar o desenvolvimento existencial; e outras que vivem em ambientes instáveis e que não lhes oferecem grande segurança ou suporte, e que almejam achar uma verdadeira casa ou lar na citada instituição educacional. Buscam, então, estabilidade emocional onde seja possível praticar suas aptidões afetivas em âmbitos grupais, nos quais poderão ser incluídas, e que possam ser avaliados no que tange ao seu potencial de resistência à agressão. Limites são imprescindíveis, na opinião de Winnicott (1993), para os adolescentes, pois, quando débeis, os incitam a reações emocionais ou a afrontar o meio para que lhes dê o apoio ou suporte que não encontram no núcleo parental. Os citados jovens podem formar, transitoriamente, grupos com indivíduos líderes, mas anti-sociais.

Situações traumáticas e de pobreza podem prejudicar uma evolução, com êxito, da família e, também, diminuir o âmbito de liberdade que possibilitaria o desenvolvimento infantil. Um lar suficientemente bom, como o espaço apropriado para o crescimento da criança, e como grupo inserido num âmbito social maior, segundo menciona Winnicott (1987), deve ser suprido por condições satisfatórias e dignas de cidadania (alimento, habitação, educação, lazer). Conforme ainda Winnicott (1987), há três períodos vividos pelas crianças quando freqüentam instituições: 1) agem normalmente, com educação, cooperação e sem agressividade excessiva, com brevidade, desconfiadas, mas esperançosas de achar pais ideais; 2) expressam agressividade ao desiludirem-se e frustrarem-se desse anseio, quando então avaliam os recursos físicos e humanos, para conhecer que prejuízos poderão provocar impunemente. Ao perceber que a elas podem ser estabelecidos limites, ou que podem ser controladas, passam a examinar o meio com perspicácia, instigando hostilidade entre as pessoas. Roubo e desrespeito a normas e figuras de autoridade são constantes. É preciso, então, confrontar institucionalizados com os efeitos de sua desconstrução; e 3) as crianças e a equipe coordenadora do trabalho tranqüilizam-se e integram-se à existência grupal. O citado autor indica, também, lares adotivos para crianças com carência afetiva, destacando que, entre muitos desses indivíduos desassistidos, apenas alguns manifestam tendência anti-social ou tornam-se delinquentes porque tiveram algum nível de integração egóica e do *self*, senão seriam psicóticas.

Com lucidez e otimismo, Winnicott (1987) acredita que, apesar do teor de desconstrução, tragicidade e caos que lhe é inerente, a natureza humana é recuperável. Atuações anti-sociais ou delinquentes (como o roubo, por exemplo)

significam ou revelam a tentativa de restaurar estados anômalos primordiais, quando então são buscadas formas de amor que lhes são imprescindíveis. A experiência de vida, que instiga carências incitadoras de defesas psicóticas, pode também curá-las. É, portanto, fundamental a ação terapêutica de pessoas que lidam profissionalmente com o sofrimento psíquico e com a psicopatologia.

Considerações Finais

Neste trabalho discorri sobre algumas idéias winnicottianas, principalmente as referentes ao espaço potencial e transicional, e à tendência anti-social. A abrangência e importância de sua teoria no âmbito preventivo e terapêutico da saúde mental são indiscutíveis, especialmente na contemporaneidade, quando vivemos um tempo de apatidão, exclusão e violência. Sua visão lúcida e otimista da condição humana, certamente, poderá referenciar a inserção transdisciplinar competente em contextos aniquiladores, favorecendo sua sobrevivência psíquica. O referencial psicanalítico, portanto, também pode auxiliar na compreensão de conteúdos emocionais inerentes a grupos sociais diversos, como no caso da sociedade brasileira, desafiada por desequilíbrios estruturais geradores de subordinação e sofrimento mental.

Referências

- ANZIEU, D. *El grupo y el inconsciente: lo imaginário grupal*. Tradução de Sofia Vidaurrazaga. 2. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1986. Título original: Le groupe et le inconscient: le imaginaire du groupe.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 165 p. Título original: Formation and breaking of affective knots.
- ETCHEGOYEN, R. H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Tradução de Cícero G. Fernandes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 500 p.
- FOULKES, S. H.; ANTHONY, E. J. *Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1967.
- GROLNICK, S. A. *Winnicott: o trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória*. Tradução de Regina Machado Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 184 p. Título original: The work and the toy: an introductory reading.
- MELLO FILHO, J. de.; SILVA, A. L. M. L. *Winnicott 24 anos depois*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 197 p.
- OUTEIRAL, J. O.; GRANÃ, R. B. *Donald W. Winnicott: estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 212 p.
- SHEPHERD, R.; JOHNS, J.; ROBINSON, H. T. D. W. *Winnicott: pensando sobre crianças*. Tradução de Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 292 p. Título original: Thinking about children.
- VALLANDRO, L. *Dicionário inglês-português e português-inglês*. 19. ed. São Paulo: Globo, 1996. 981 p.
- WINNICOTT, C. *Privação e delinquência*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 290 p. Título original: Privation and delinquency.
- _____; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 460 p. Título original: Psychoanalytical explorations: D. W. Winnicott.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 205 p. Título original: The toy and the reality.
- _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Tradução de Jane Russo. Selected texts: from pediatrics to psychoanalysis. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- _____. *Tudo começa em casa*. Tradução de Paulo Sander. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 211 p. Título original: Everything begins at home.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 268 p. Título original: The ambient and the maturation processes: studies about the emotional development theory.
- _____. *Natureza humana*. Tradução de David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 222 p. Título original: Human nature.
- _____. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 247 p. Título original: The family and the individual development.
- _____. *A criança e o seu mundo*. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 270 p. Título original: The child and her world.